

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
COM A LINHA DE SOMBRA  
3 de Novembro de 2022

## SONHÁMOS UM PAÍS / 2019

*um filme de Camilo de Sousa e Isabel Noronha*

**Realização e Argumento:** Camilo de Sousa, Isabel Noronha / **Imagem:** Lara de Sousa, Ricardo Borges, Isabel Noronha / **Montagem:** Orlando Mesquita, Juliano Castro / **Montagem na finalização:** Patrícia Saramago / **Montagem e mistura de som:** Hugo Leitão / **Música original:** João Costa e João Lima / **Pós-produção:** Sofia Tonicher / **Com:** Camilo de Sousa, Aleixo Caindi, Julião Papalo, etc.

**Produção:** Midas Filmes, Mocik – Cineastas Moçambicanos Associados (Portugal, Moçambique) / **Produção:** Daniele Gallo, Malhatine Matusse / **Produtor:** Pedro Borges / **Cópia:** em DCP, cor e preto e branco, falada em português e legendada em português / **Duração:** 70 minutos / **Primeira apresentação pública:** 19 de Outubro de 2019, Doclisboa 2019 / **Primeira exibição na Cinemateca.**

com a presença dos realizadores Camilo de Sousa e Isabel Noronha

---

**Sonhámos um País** é um documentário biográfico sobre Camilo de Sousa realizado pelo próprio e pela sua companheira de há muitos anos, a também cineasta Isabel Noronha. Uma obra dirigida a quatro mãos que conta também com a colaboração da filha de ambos, a mais jovem realizadora Lara de Sousa que, como perceberemos com o avançar do filme, coloca as questões ao pai. Um filme-entrevista – ou “entrevistas”, dado que envolve outros importantes protagonistas –, que faz esta escolha inteligente, dada a extrema sensibilidade das questões abordadas e a dificuldade da sua transmissão. Na primeira pessoa, Camilo de Sousa conta-nos a sua história em paralelo com a história de uma luta pela independência e dos primórdios da sua constituição de Moçambique enquanto nova-ção. Não se trata de uma narrativa de feitos épicos, mas a história de uma desilusão, e que por isso mesmo tem sido há muito silenciada.

Hoje, a viver em Portugal, Camilo de Sousa regressa a Moçambique para reencontrar dois camaradas de armas – Aleixo Caindi e Julião Papalo –, que conheceu na guerrilha e com quem depois partilhou a direcção do Partido em Cabo Delgado. Período conturbado que precede o seu ingresso no Instituto de Cinema de Moçambique que, como aqui nos conta. Como se diz numa nota de produção do filme “Com Aleixo Caindi e Julião Papalo ele rememora tempos antigos, quando a alegria da libertação deu lugar aos tempos negros em que a procura do ‘homem novo’ veio destruir os sonhos e as ilusões de um país...”

Camilo de Sousa conta-nos como teve de deixar Moçambique em 1971, obteve o estatuto de refugiado político na Bélgica, e como aos vinte anos se juntou aos guerrilheiros da

FRELIMO. Mas o que começa por ser um filme sobre os movimentos de libertação face ao colonialismo português, depressa se transforma numa análise crítica dos métodos usados pelo novo Estado moçambicano, e do que se seguiu para os denunciar. Membro activo do partido, Camilo de Sousa participou na criação do projecto de cinema móvel extensível a todo o território moçambicano onde se mostrava o conhecido jornal de actualidades *Kuxa kanema*, mantendo-se a trabalhar no Instituto Nacional de Cinema até 1991. É no INC, que congregava os futuros cineastas de Moçambique, que desenvolveu a sua principal actividade enquanto realizador no período abrangido pelo filme, tendo a sua carreira cinematográfica ficado posteriormente associada ao trabalho que desenvolveu como produtor e realizador na Ébano Produções, ao lado de Isabel Noronha, que o acompanha deste longa data, mas também de outros companheiros como Licínio de Azevedo ou o seu filho Karl Sousa.

Se toda a sua obra cinematográfica de Camilo de Sousa pode ser descrita como um “cinema da resistência” enformado por preocupações de ordem social, percebemos claramente neste filme o seu porquê. Resistência em primeiro lugar face à privação da liberdade e violência sobre um povo durante o tempo colonial, mas também ao que de mau se implementou depois da independência. Uma história silenciada, como tantas outras histórias, a que muitos começam a dar voz, como antes já o havia feito Isabel Noronha, a co-autora do filme, na forma de uma tese de Doutoramento dedicada a Camilo de Sousa com o título "Tacteando o Indizível", mais uma peça importante para a compreensão de um complexo processo histórico.

Salienta-se aqui a importância do testemunho oral, que se revela particularmente perturbante quando vários entrevistados descrevem a sua experiência pessoal nos chamados “Campos de Reeducação”, como o de Ruárua descrito por Aleixo Caindi e por Julião Papalo no filme. Espaços de tortura que Camilo filmou e que Samora Machel terá tentado conter em 1981, depois de ter salvo Caindi de Ruárua. Mas igualmente perturbante é a descrição das chamadas “Operações de Produção”, para onde eram enviados todos aqueles que eram considerados improdutivos, entre os quais músicos, prostitutas, ou meros estudantes de liceu. Campos que tiveram uma função determinante no silenciamento, na autocensura e no medo imposto a toda a população, com resultados que se estendem até aos dias de hoje.

Não se trata aqui de um ajuste de contas, mas de uma reflexão desencantada sobre como um movimento revolucionário se transformou num movimento autoritário e moralista com recurso a métodos maquiavélicos. Reflexão difícil vinda de um ex-combatente que se tornou cineasta quando percebeu claramente que “já não estaria a filmar uma revolução, mas como se destruía uma revolução” e que connosco partilha a sua história de vida e a história de um silenciamento político, de recalcamientos e de muitos não-ditos que ameaçam uma democracia ainda muito frágil, e que por isso mesmo devem ser ditos. Não-ditos que ao serem explicitados com um misto de franqueza e uma simultânea subtileza continuam a fazer do cinema de Camilo de Sousa e de Isabel Noronha, um cinema de intervenção social e política ao serviço do registo da memória de um país. Uma lição de história que ultrapassa em muito a história moçambicana.

Joana Ascensão